



VIA
PANORAMICA

Revista de Estudios Anglo-Americanos
A Journal of Anglo-American Studies

ANGLO-AMERICAN STUDIES

VARIA SECTION

A “Convenient Euthanasia”:

O papel da eutanásia na obra de H. G. Wells¹

MIGUEL OLIVEIRA

FCSH - Universidade Nova de Lisboa

RESUMO: Nas últimas décadas, a morte assistida tornou-se num dos temas mais fraturantes das sociedades contemporâneas, dividindo a opinião de especialistas e configurando-se como uma questão sem consenso social. Contudo, o debate em torno da eutanásia tem raízes na sociedade vitoriana da segunda metade do século XIX, antecipando muitos dos argumentos que ainda hoje são apresentados, tanto a favor como contra, a morte assistida. Embora, sobretudo após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, a discussão se tenha deslocado para os campos da bioética, do direito e da medicina, a sua génese foi marcada pelas teorias eugénicas e pelo darwinismo social em voga na Era Vitoriana tardia e no início do período Eduardiano.

As principais ideias em circulação na época exerceram influência não apenas na sociedade, mas também na produção literária de autores proeminentes, em particular no domínio da

ABSTRACT: In recent decades, assisted dying has become one of the most divisive issues in contemporary society. It continues to divide expert opinion and remains an issue for which no social consensus has yet emerged. However, this debate has roots in Victorian society in the late 19th century, where many arguments used today, both for and against assisted dying, were already anticipated. After World War II, the discussion shifted to the fields of bioethics, law, and medicine. Nevertheless, its genesis was marked by the eugenic theories and social Darwinism prevalent in the late Victorian and early Edwardian periods.

The prevailing ideas of the time had a profound influence on both society and the literary works of prominent authors. In speculative fiction, futuristic and alternative universes already incorporated assisted dying as an established practice. This study analyses the impact of the euthanasia debate in the novel *When The*



ficção especulativa, onde alguns universos futuristas e alternativos já incorporavam a morte assistida como prática instituída. O presente estudo procura analisar o impacto do debate sobre a eutanásia no romance *When The Sleeper Wakes* e na novela “A Story of the Days to Come”, ambos publicados por H. G. Wells em 1899.

PALAVRAS-CHAVE: Eutanásia, H. G. Wells, Eugenia, Darwinismo social, Utopia/Distopia.

Sleeper Wakes and the novella “A Story of the Days to Come”, both published by H. G. Wells in 1899.

KEYWORDS: Euthanasia, H. G. Wells, Eugenics, Social Darwinism, Utopia/Dystopia.

O debate sobre a morte assistida conheceu desenvolvimentos importantes na segunda metade do século XIX, quando o termo “eutanásia” adquiriu o seu sentido moderno, após a publicação do ensaio “Euthanasia”, de Samuel D. Williams, em 1870. Os avanços científicos, tecnológicos e médicos, bem como diversos fatores de ordem social, transformaram a forma como a sociedade vitoriana encarava a vida e a morte, bem como a intervenção dos profissionais de saúde em ambas. As propostas que emergem neste período e, posteriormente, no período eduardiano, articulam-se com outros discursos igualmente influentes, como a eugenia de Francis Galton, o darwinismo social de Herbert Spencer, as teorias económicas de Thomas Malthus, o anseio por progresso social e os receios relativos à sobrepopulação e à degeneração física e moral da espécie humana. Desta forma, o debate adquiriu uma feição marcadamente biopolítica e a eutanásia surge, em simultâneo, como ideia humanista e como instrumento para resolver ou mitigar problemas sociais. Estes debates suscitaram ainda reflexões mais amplas sobre o papel do Estado, da medicina e da tecnologia na gestão da vida e da morte.

Ao analisar obras como o romance *When the Sleeper Wakes* e a novela “A Story of the Days to Come”, ambas publicadas por H. G. Wells em 1899, é importante considerar o impacto que estas discussões tiveram na sociedade da época e compreender de que forma foram transpostas para a ficção. Embora nenhuma das obras tenha a eutanásia como tema central do enredo e esta desempenhe nelas um papel secundário, é fundamental conhecer os argumentos utilizados no debate sobre a morte assistida para perceber a função narrativa da eutanásia e as suas implicações sociais, morais e políticas. O presente artigo procura, assim, analisar como Wells incorpora o debate sobre a eutanásia em *When the Sleeper Wakes* e “A Story of the Days to Come”, revelando a influência de problemas sociais característicos da época, como a tensão entre classes, nas reflexões do autor. Nestas narrativas, a morte assistida surge ora como mecanismo de controlo populacional e de higienização social, ora como privilégio reservado às classes mais favorecidas.

Este artigo insere-se no âmbito dos Estudos Culturais, combinando a análise textual com o enquadramento histórico, social e político. Ao longo do estudo, recorre-se aos conceitos de biopolítica e biopoder de Michel Foucault,² bem como aos discursos que moldaram o debate na sociedade vitoriana tardia e no período eduardiano, com especial atenção à eugenia, ao darwinismo social e às obsessões destas épocas com as noções de

progresso e de degeneração das populações. Partindo deste quadro teórico, examina-se a forma como Wells transpõe para a ficção alguns dos argumentos centrais do debate sobre a morte assistida e a função da eutanásia nas narrativas em estudo.

O artigo organiza-se em duas secções principais. A primeira apresenta o enquadramento histórico e teórico necessário à compreensão do debate sobre a eutanásia na segunda metade do século XIX, articulando-o com outros discursos emergentes no período. A segunda secção é dedicada à análise das obras de H. G. Wells, explorando o impacto do debate sobre a morte assistida nas narrativas e o modo como estas o utilizam para problematizar questões como a tensão entre classes e o controlo nas sociedades alternativas imaginadas pelo autor.

2. DE UM SENTIDO CLÁSSICO AO INÍCIO DO DEBATE MODERNO

Na Grécia Antiga, com exceção dos profissionais que seguissem o juramento de Hipócrates, a morte assistida era uma prática aceite e o suicídio não era condenável nos casos de doenças incuráveis. Segundo N. D. A. Kemp, a palavra eutanásia não era utilizada com frequência na época e o seu significado clássico remete para uma morte sem sofrimento, não estando necessariamente relacionada com um ato médico ou assistido (Kemp 2002, 4).³ Deste modo, o envolvimento de um profissional de saúde que interviesse de forma ativa no fim da vida de um paciente equiparava-se à assistência ao suicídio para providenciar uma morte sem sofrimento. A condenação do suicídio por parte das autoridades cristãs durante a Antiguidade Tardia — em especial na doutrina de Santo Agostinho — interfere com a morte assistida que é, por extensão, também rejeitada. Na sua *Suma Teológica* (1265 – 1274), S. Tomás de Aquino mantém-se contundente em relação ao suicídio e só no Renascimento se torna possível interpretar alguma tolerância quanto à possibilidade de intervenção perante um doente em sofrimento e com uma doença incurável.

Na ilha imaginária retratada por Thomas More em *Utopia*, as autoridades eclesiásticas não condenam o suicídio ou a morte assistida nos casos de doenças incuráveis. Pelo contrário, More descreve a forma como os padres e os funcionários públicos apoiam estas práticas quando o paciente sente que:

now that life is simply torture he [o utente] should not hesitate to die but should rely on hope for something better; and since his life is a prison where he is bitterly tormented, he should



escape from it on his own or allow others to rescue him from it (...) death would put an end not to pleasure but to agony. (More 2003, 78)

165

Apesar de manter a condenação do suicídio, nos casos em que este é aprovado pelas autoridades estatais e eclesiásticas, a morte passa a ser considerada honrada e legítima. Dado o pendor satírico da obra e a possibilidade de interpretar na ilha Utopia uma crítica aos comportamentos da época em vez de uma sociedade ideal, não devemos assumir que o autor era defensor da morte assistida. No entanto, a perspectiva de More remete para uma visão mais tolerante em relação ao sofrimento de pacientes com doenças incuráveis, e a obra viria a ser citada na Câmara dos Lordes do Parlamento Britânico aquando da primeira tentativa de legalizar a eutanásia voluntária no Reino Unido, em 1936.

Ao pronunciar-se sobre a deontologia da profissão médica, em *The Advancement of Learning*, Francis Bacon utiliza o termo “eutanásia” associado à medicina. Para o filósofo, o papel do médico não se limitava a tratar as doenças, cumpria também atenuar o sofrimento do paciente no momento da morte:

I esteem it the office of a physician not only to restore health, but to mitigate pain and dolors; and not only when such mitigation may conduce to recovery, but when it may serve to make a fair and easy passage: for it is no small felicity which Augustus Caesar was wont to wish to himself, that same Euthanasia. (Bacon 2011, 375)

Ainda que a assistência médica seja estendida aos momentos finais do doente, não é claro que Francis Bacon esteja a utilizar o conceito moderno de eutanásia. Em sintonia com o artigo de António Lourenço Marques, “A ‘Boa Morte’ de Bacon”, considera-se mais plausível que o autor recorra ao conceito clássico do termo e se refira antes à responsabilidade médica de providenciar cuidados paliativos e de acompanhar os pacientes até nos momentos finais. No seguimento do texto, Bacon lamenta que os médicos abandonem os doentes ao sofrimento quando se apercebem que a morte é inevitável e apela a que mudem a sua prática: “in my judgement, they ought both to enquire the skill and to give the attendances for the facilitating and assuaging of the pains and agonies of death” (Bacon 2011, 376).⁴



O conceito moderno de eutanásia surge em 1870, com a publicação do artigo “Euthanasia”, de Samuel D. Williams, incluído na compilação *Essays by Members of the Birmingham Speculative Club*. O autor começa por destacar os desenvolvimentos no campo da cirurgia e a descoberta das propriedades anestésicas do clorofórmio feita por James Young Simpson, em 1847.⁵ Antecipando a controvérsia que a sua própria proposta poderia desencadear e utilizando a popularização do uso de clorofórmio como exemplo, Williams sugere que o progresso científico tende a ser inicialmente recebido com resistência e objeções, as quais acabam por se dissipar diante das evidências dos benefícios trazidos pelas inovações ao ser humano. De seguida, o autor apresenta de forma clara o objetivo do seu artigo e propõe a utilização de anestésicos e analgésicos para precipitar a morte, quando tal é solicitado por doentes em sofrimento. Segundo Williams, os médicos teriam o dever profissional e moral de cumprir esta última vontade do paciente:

That in all cases of hopeless and painful illness, it should be the recognized duty of the medical attendant, whenever so desired by the patient, to administer chloroform or such other anaesthetic (...) so as to destroy consciousness at once, and put the sufferer to a quick and painless death. (Williams 1870, 212)

O artigo de Williams parte de princípios humanistas e é inegável que o seu objetivo principal é o de evitar o sofrimento que considera desnecessário, bem como a angústia que acompanha a doença prolongada e os momentos finais dos pacientes. Ao longo do texto, Williams opõe a fragilidade humana à indiferença quase cruel da natureza — descrita maioritariamente como uma entidade inclemente — e salienta o sofrimento inerente à morte e à doença como torturas que a humanidade se vê obrigada a enfrentar de modo injustificável. Perante este conflito, o intelecto humano e os desenvolvimentos científicos surgem como meios para contrariar ou atenuar a supremacia da natureza: “the patient about to suffer at the hands of nature the worst she has to inflict — and her resources in this line are terribly great — be left without help or hope of help?” (Williams 1870, 212). Se a morte é inevitável e faz parte da condição humana, o autor sugere que não há necessidade de sofrer os tormentos da doença e a agonia dos momentos finais da vida caso se torne legítimo recorrer à ciência, passando a eutanásia a ser um direito fundamental do paciente e um dever dos profissionais médicos. Deste modo, Williams apresenta a eutanásia como uma conquista sobre a natureza, podendo ser vista, em parte, como uma

forma científica de morrer, condição necessária ao progresso na luta contra o sofrimento da humanidade.

Ainda que o principal enfoque do artigo de Williams seja o de diminuir a agonia humana, a retórica que utiliza para descrever a oposição entre o homem e a natureza — tal como alguns dos argumentos empregues para defender a eutanásia voluntária — põe em evidência a influência do darwinismo social e da eugenia, destaca o impacto da filosofia utilitarista em voga na época e realça a obsessão vitoriana pelo dever individual e pelo constante progresso social e científico. Após rebater as objeções de cariz religioso que julga virem a surgir com a publicação do seu artigo, mais concretamente o princípio de sacralidade da vida humana e o dever de absoluta submissão à vontade divina, o autor defende que os pacientes devem ter a possibilidade de escolher a forma e o momento da sua morte, assumindo-se como detentores das suas próprias vidas e não estando dependentes da autoridade do Estado ou da Igreja.

Ao argumentar a favor da sua proposta, Williams enaltece os possíveis benefícios da eutanásia em situações em que o paciente não quer continuar a viver e se sente um peso, tanto para si como para familiares, amigos e para a sociedade, dado sentir que a sua vida perdeu o sentido e a utilidade: “there can be no violation of the sacredness of life, (...) when, with the consent of the sufferer, a life is taken away that has ceased to be useful to others, and has become an unbearable infliction to its possessor” (Williams 1870, 216). Assim, a eutanásia deixa de ser apenas uma escolha inteiramente pessoal, pois o paciente, ao requerer o procedimento, assume a obrigação de ponderar o valor que representa para a sociedade e, em paralelo, o sofrimento que provoca aos que lhe são próximos. Neste contexto, os argumentos utilizados pelo autor põem em relevo a filosofia utilitarista da época e evidenciam a influência dos valores vitorianos de dever social e de altruísmo. O compromisso de considerar o seu contributo para a sociedade sugere que o valor da vida humana não é intrínseco e deve ser calculado em função da utilidade do indivíduo para o coletivo — o que, paradoxalmente, põe em causa o seu direito de recorrer livremente à eutanásia.

No mesmo sentido, ao defender que o paciente tem a responsabilidade de considerar o sofrimento causado aos que lhe são próximos, Williams quase induz à escolha da eutanásia como forma de pôr termo à vida, já que descreve a dor, a frustração e o tormento daqueles que assistem ao definhar e à morte de um ente querido:

it is questionable if it be not a man's duty to consider others' feelings, and to weigh others as well as his own; and to bethink himself whether he ought to condemn those nearest him to witness sufferings which they would find it almost as easy to bear themselves as to see another bear. (Williams 1870, 220)

Uma vez mais, Williams apela ao altruísmo e ao sentido de responsabilidade do paciente que, em vez de colocar a sua vontade pessoal e a falta de qualidade de vida como elementos principais para a tomada de uma resolução, deve ponderar a escolha à luz do impacto que o processo de degradação biológica e a morte têm sobre os outros. Assim, sugere-se que a morte sem sofrimento, por meio da eutanásia, é um alívio não só para o doente, mas também para os que lhe são próximos.

Por sua vez, ao descrever a relação de oposição que estabelece entre a humanidade e a natureza, Williams deixa transparecer a pesada influência do darwinismo social e dos princípios eugênicos da sua proposta. Apesar de manter o enfoque do artigo no sofrimento intrínseco à doença, o autor sugere que o único benefício retirado da atuação da natureza consiste na manutenção do vigor da espécie, ou seja, na preservação das “hardiest races, and of the hardiest individuals of each race” (*idem*, 228). Deste modo, a seleção natural asseguraria a prevalência dos mais fortes nas sociedades, sentenciando os mais fracos “to go to the wall” (*idem*, 229). Na ótica de Williams, ainda que não seja possível contrariar a seleção natural na totalidade — o que mantém a primazia dos mais aptos — os desenvolvimentos científicos, especialmente quando aplicados à medicina, tendem a proteger e favorecer os elementos mais vulneráveis da sociedade e a permitir a sua sobrevivência em condições adversas. Neste sentido, do mesmo modo que a ciência e a tecnologia são empregues para beneficiar os mais frágeis, o autor defende que devem ser empregues para mitigar o sofrimento humano em geral e, quando o paciente assim o deseje, abreviar a vida, evitando os tormentos da doença.

O artigo de Samuel D. Williams inaugurou o debate moderno sobre a morte assistida e recebeu ampla atenção por parte da sociedade da época, sendo discutido em periódicos britânicos como *The Spectator*, *The Fortnightly Review* e *Saturday Review* e republicado isoladamente quatro vezes no espaço de três anos. Tal como previsto pelo autor, a sua proposta foi recebida com desconfiança e surgiram objeções baseadas em princípios religiosos, como o da sacralidade da vida humana e o dever de respeitar a vontade divina. Contudo, emergiram igualmente novos argumentos contra a eutanásia, muitos dos

quais se mantêm pertinentes para o debate contemporâneo — como a pressão que é colocada nos pacientes e nos profissionais de saúde, a possibilidade de desenvolvimentos na medicina que levem à cura de doenças até então terminais e a hipótese de abusos da prática, bem como de instrumentalização oportunista da morte assistida por motivos não relacionados com a saúde.

Por outro lado, surgiram também publicações que não se limitaram a acolher a iniciativa de Williams e que a desenvolveram para abranger secções mais vastas da população, consideradas indesejadas e improdutivas para o coletivo. Neste contexto, importa salientar a perspetiva de Lionel Tollemache, explanada no artigo “The New Cure for Incurables”, publicado em 1873 no *The Fortnightly Review*. O autor reforça os argumentos de Williams, salientando a responsabilidade do paciente de considerar o sofrimento e o peso que gera aos que lhe são próximos e à sociedade. Tal como Williams, Tollemache procura refutar os argumentos religiosos e sustenta que nem o Estado nem a Igreja devem ter o poder de prolongar o sofrimento humano quando o indivíduo deseja morrer. O autor vê na proposta de Williams o equivalente ao suicídio assistido e é perentório ao reivindicar a legalização deste ato. Contudo, ao argumentar a favor da eutanásia voluntária, não se limita aos casos de pacientes com doenças terminais ou dolorosas, estendendo a legitimidade do suicídio aos elementos que considera dispensáveis e menos produtivos na sociedade, personificados nos “prolonged idlers” e nos “drunkards” (Tollemache 1873, 225). Utilizando uma retórica utilitarista extrema — que revela uma hierarquização do valor da vida humana entre os que contribuem para sociedade e os que não o fazem, além de expor a influência das teorias malthusianas e da paranoia vitoriana com a degeneração social e biológica da espécie — Tollemache defende que o suicídio dos elementos não produtivos é benéfico para a coletividade por reduzir o consumo de recursos por parte destes indivíduos e por conter o retrocesso civilizacional:

But the idle or frivolous man or woman is allowed to spread the infection of idleness or frivolity all around. The drunkard wears out his own constitution, and is of but doubtful profit to his neighbours (...). Who then has a right to coerce that less objectionable member of society, the would be suicide? If we may not interfere with the do-nothing-eat-all (or even drink all), how can we meddle with the do-nothing-eat-nothing? (*ibidem*)



É importante esclarecer que o debate que teve lugar nos periódicos britânicos não envolveu intervenientes diretamente relacionados com a medicina, tratando apenas da eutanásia voluntária.⁶ Tal só aconteceria em 1901, quando o médico C. E. Goddard se pronunciou sobre a temática, indo mais longe ao propor a eutanásia involuntária para pacientes com incapacidades mentais profundas. Com base na hereditariedade genética, que se julgava inerente aos casos de doenças mentais, Goddard utilizou argumentos eugénicos para se justificar, salientou a noção de degeneração biológica e social e apontou para o aumento do número de pessoas a cargo de asilos, bem como para a falta de soluções no campo da psiquiatria. Em simultâneo, apoiou a eutanásia voluntária de pacientes terminais e de doentes mentais capazes de expressar consentimento. Para além da base eugénica da argumentação, Goddard teceu considerações humanistas sobre o sofrimento físico e mental dos pacientes nestas condições, mesmo nos casos em que os doentes não eram capazes de expressar a sua perturbação. A posição de Goddard foi também considerada extrema e não recebeu o apoio da comunidade médica, nem da esmagadora maioria dos eugenistas que viriam a integrar a Eugenics Education Society, formada em 1907 no Reino Unido e que promovia propostas mais conservadoras.

Já nos Estados Unidos da América, onde a eugenia e o darwinismo social também se tornaram populares no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o envolvimento de profissionais médicos no debate ocorreu mais cedo. O artigo de Samuel D. Williams recebeu resenhas positivas no *Popular Science Monthly* em 1873, mas encontrou forte resistência por parte da comunidade médica. Após debates de várias comissões de ética, iniciados em 1879 na Carolina do Sul, surgiu o consenso de que a eutanásia ativa punha em causa os princípios da medicina e descredibilizava a profissão. Em 1885, a American Medical Association pronunciou-se contrariamente em relação à prática, e o tema só voltou a ser debatido a partir de 1890, quando os advogados Albert Bach e Simeone Baldwin — ambos a favor da eutanásia — contestaram a posição e a autoridade da comunidade médica. Em 1905 e 1906, surgiram no Ohio as primeiras propostas para legalizar a morte assistida no caso de adultos com doenças terminais e de crianças com deformidades e deficiências mentais profundas.⁷

Sobre o debate que se seguiu à publicação de “Euthanasia”, de Samuel D. Williams, é possível extrair algumas conclusões que terão fortes implicações para o seguimento do presente estudo. Tal como no artigo de Williams, os autores que escreveram em defesa da

morte assistida tenderam a fundir argumentos humanistas com a filosofia utilitarista, articulando estas perspectivas com as teorias dominantes da época — em especial o evolucionismo, o darwinismo social, a eugenia e as análises económicas draconianas de Thomas Malthus, bem como com os valores e ansiedades que marcaram o vitorianismo tardio e o início do período eduardiano.

Apesar da preocupação declarada com o alívio do sofrimento humano, os textos estão imersos numa retórica centrada na produtividade individual, na gestão de recursos, no progresso social e nos receios de degeneração da espécie e de sobrepopulação. A influência destes fatores é de tal ordem que, em determinadas passagens, torna-se possível inferir que os desenvolvimentos médicos contrariavam os princípios da seleção natural, resultando num entrave ao bem-estar das sociedades e ao progresso da humanidade no geral.⁸ Neste cenário, a eutanásia voluntária poderia servir como um instrumento potencial para mitigar tais perdas e restaurar um paradigma supostamente mais equilibrado. Assim, o debate espelha igualmente a tendência vitoriana e eduardiana para marginalizar os elementos mais vulneráveis da sociedade — como os idosos e os doentes mentais — e, à semelhança de medidas como a *New Poor Law* de 1834⁹ e da vasta implementação das *workhouses* ao longo do século XIX, promover uma lógica de desresponsabilização social face àqueles que não eram considerados autossuficientes.

É também assinalável que, conforme defende N. D. A. Kemp (2002, 17), as propostas a favor da eutanásia mantiveram-se vagas e em muitos casos, incluindo os de Williams e Tollemache, mais do que sugestões concretas, representaram o prolongar do debate filosófico com vista a defender a despenalização do suicídio, seguindo as pisadas de David Hume e de outros filósofos iluministas como Voltaire. O fascínio pela tecnologia e pela ciência levou a que a eutanásia fosse apresentada como uma alternativa progressista à morte natural, podendo ser vista, de certo modo, como a forma científica de morrer, que prometia desenvolvimentos no futuro. No entanto, esta perspectiva foi considerada radical pela maioria da sociedade e desconsiderada pela comunidade médica no Reino Unido.

Por fim, ainda que não concordemos inteiramente com a perspectiva de Ezekiel J. Emanuel — que sustenta que o desenvolvimento científico e tecnológico teve pouca relação com as propostas a favor da descriminalização da eutanásia voluntária que surgiram tanto na segunda metade do século XIX como na contemporaneidade — é inegável que muitos dos argumentos usados no primeiro debate sobre a morte assistida se mantiveram



pertinentes e são semelhantes aos que são apresentados na discussão em torno da temática que ocorre atualmente.

2. A EUTANÁSIA E A LITERATURA ESPECULATIVA¹⁰

Ainda que não tenha provocado alterações na prática médica da sociedade britânica da época, o debate sobre a eutanásia voluntária influenciou a produção literária de autores proeminentes — como Anthony Trollope, H. G. Wells, E. M. Forster e Robert Hugh Benson — que, de forma direta ou indireta, abordaram e retrataram a morte assistida nas suas obras.¹¹ Em parte, como sugerido anteriormente, em relação próxima ao evolucionismo e à obsessão vitoriana pelo progresso, a eutanásia foi percebida como a “morte do futuro”¹², científica e tecnológica, o que contribuiu para a sua presença marcada nas obras de ficção especulativa da época. As narrativas deste registo literário tendem a projetar o enredo das histórias num futuro distante ou em universos alternativos, permitindo aos autores comentar as problemáticas, ideologias e ansiedades dos seus tempos ao abrigo de um espaço diegético que lhes conferia maior liberdade de expressão para tratar temáticas controversas. Paralelamente, a divergência estética e ideológica quanto o papel da literatura, entre Henry James e H. G. Wells, no início do século XX, reforça a ideia de que, em larga medida, os escritores de ficção especulativa se aproximavam da figura do reformador social, perspetivando as suas obras como instrumentos de reflexão crítica sobre a sociedade e de promoção do progresso civilizacional.¹³

Deste ponto de vista, a ficção especulativa da época orientou-se para a construção de enredos projetados no futuro ou em universos alternativos, nos quais as civilizações enfrentam, maioritariamente através da inovação científica ou de reformas sociais, as principais inquietações das sociedades vitoriana e eduardiana. Contudo, se os temas abordados por este tipo de narrativas tendem a apresentar convergências, dado serem produzidos no mesmo contexto histórico e cultural, os meios de resolução destas problemáticas revelam-se frequentemente divergentes, variando de autor para autor. Esta dissensão deu origem a uma vasta produção literária inter-relacionada, em que as obras estabelecem um equilíbrio ambíguo, podendo ser lidas simultaneamente como utópicas e distópicas.



Embora a obra de H. G. Wells se preste a este tipo de leitura ambivalente — onde a ciência e o progresso tecnológico são representados como soluções plausíveis para lidar com problemas como a sobrepopulação ou o conflito de classes — subsiste sempre uma margem de incerteza quanto aos reais benefícios trazidos pelas transformações, nem sempre retratadas de forma inequívoca como positivas. Por contraste, em obras como *The Machine Stops* (1909) de E. M. Forster, e *Lord of the World* (1909) de Robert Hugh Benson, o registo narrativo é claramente pessimista, não permitindo interpretações que valorizem os avanços sociais e científicos enquanto forças benéficas. Assim, a eutanásia, como forma privilegiada de morrer no futuro, cumpre diferentes funções nas narrativas especulativas, mas nem sempre é apresentada como uma solução benigna para a humanidade.

2.1 A eutanásia em *When The Sleeper Wakes* e “A Story of the Days to Come” de H. G. Wells

Na obra de H. G. Wells, o conceito moderno de eutanásia revela-se particularmente pertinente para a análise do romance *When The Sleeper Wakes* (1899) e da novela “A Story of the Days to Come”, incluída na coletânea *Tales of Space and Time* (1899), ambos ambientados numa sociedade londrina futura, situada entre o final do século XXI e o início do século XXII. Embora a eutanásia não constitua o motivo central de nenhuma das narrativas, a morte assistida está presente em ambas e desempenha um papel significativo, essencial ao desenvolvimento dos enredos e à compreensão da dinâmica das sociedades futuristas retratadas por Wells.

Em “A Story of the Days to Come”, o autor aproxima-se, em larga medida, das ideias apresentadas por Samuel D. Williams em “Euthanasia”, ao distanciar-se dos ideais românticos e retratar a natureza não pela sua harmonia ou pelo sublime, mas como uma força hostil, perigosa e indiferente à existência humana. Com efeito, Wells privilegia o ambiente urbano e cosmopolita, civilizado, onde, apesar das adversidades e tensões inerentes à vida em sociedade, as personagens usufruem de uma comodidade e segurança características da classe média, ausentes no meio rural e natural. Esta posição torna-se mais explícita quando o autor quase parodia a possibilidade de alcançar a felicidade no vazio do meio rural: Elizabeth e Denton, o casal que protagoniza a história, tentam escapar da Londres cosmopolita — que impõe dificuldades à sua união — para viverem livremente



num ambiente campestre, onde a natureza permanece indômita. Apesar do seu amor fervoroso, as personagens não conseguem adaptar-se a um mundo não civilizado, no qual têm de confrontar a constante hostilidade e o desconforto, o que os leva a pôr em causa a viabilidade da sua relação. Até à morte de Bindon, o antagonista do enredo, que permite a resolução dos conflitos e a união do casal, Elizabeth e Denton veem-se obrigados a regressar a Londres e a enfrentar os sacrifícios e dificuldades desumanas impostas à classe baixa no ambiente urbano.

A morte de Bindon assume contornos de *deus ex machina*, uma vez que resolve, de forma inesperada, externa e abrupta, os obstáculos à união de Elizabeth e Denton. É neste episódio decisivo da narrativa que a eutanásia é introduzida na intriga e que um médico exalta a visão de uma sociedade inteiramente regida pela ciência, quase ao ponto de um culto ou de uma religião. Neste momento da história, também estão presentes a obsessão vitoriana pela eugenia, o evolucionismo e os receios de degeneração da espécie humana.

Após sentir uma dor aguda, Bindon decide consultar um médico, descrito pela sua boa reputação e, em simultâneo, por ter uma franqueza desagradável. Depois de analisar o paciente, o profissional questiona-o de imediato se alguma vez se reproduziu, ficando visivelmente aliviado ao saber que não. A recomendação do médico é clara: “better go right away, (...) and make the Euthanasia. The sooner the better” (Wells 1889, 308). Perante este parecer, Bindon justifica-se, referindo que os seus excessos ocorreram apenas na juventude, e solicita uma alternativa à eutanásia. Contudo, o pedido é praticamente ignorado e o médico insiste na sua posição, desta vez utilizando argumentos claramente eugénicos:

But you come of a bad stock. Even if you'd have taken precautions you'd have had bad times to wind up with. The mistake was getting born. The indiscretions of the parents (...) You've lived. We can't start you again. You ought never to have started at all. Frankly — the Euthanasia! (*idem*, 309)

As passagens citadas ilustram como a eutanásia surge na história diretamente relacionada com os receios de degenerescência, com as teorias evolucionistas e eugénicas e com a necessidade de controlo populacional. É explícito que Bindon é visto como um elemento indesejável, cuja existência representa um erro genético e social, devendo ser eliminado



antes que possa reproduzir-se e transmitir a sua hereditariedade. A natureza da doença do antagonista nunca é revelada e permanece ambígua, assim como os “excessos” a que se refere no início da consulta. No entanto, a insistência do médico leva a intuir que o problema de Bindon está relacionado com o seu perfil psicológico: “You see — from one point of view — people with imaginations and passions like yours have to go — they have to go” (*idem*, 312).

Antes de abandonar o consultório médico, Bindon mostra-se contrariado face ao parecer do especialista e frustrado pelo facto de a ciência não ter evoluído ao ponto de oferecer um tratamento ou cura para a sua condição. É neste contexto que o profissional recorre à expressão “take over the management” (Wells 312) para descrever a sua visão de uma sociedade utópica, totalmente regida pelo progresso científico:

Science is young yet. It's got to keep on growing for a few generations. We know enough now to know we don't know enough yet... But, between ourselves, you rich men and party bosses, with your natural play of passions and patriotism and religion and so forth, have made rather a mess of things; haven't you? (...) Some of us have a sort of fancy that in time we may know enough to take over a little more than the ventilation and drains. Knowledge keeps on piling up, you know. (...) Some day – some day, men will live in a different way.” He looked at Bindon and meditated. “There'll be a lot of dying out before that day can come.” (*idem*, 312-313)

Esta passagem evidencia o extremismo das perspetivas eugénicas presentes na narrativa, remetendo para a ideia de que seria necessário sacrificar parte da população para alcançar o ideal vitoriano e eduardiano de progresso social e científico. De acordo com esta visão, a sociedade encontra-se sob o domínio das elites — levianas, hedonistas e alheias ao bem comum, que são representadas como parte do problema por não contribuírem para o avanço do coletivo. Assim, a sociedade utópica descrita pelo médico só se tornaria viável depois de eliminada e reformulada a classe dominante. A ausência de referência às classes mais desfavorecidas sugere que, neste universo, a eutanásia é retratada como um privilégio reservado aos mais ricos e, em simultâneo, como instrumento de controlo populacional. Importa também sublinhar que, neste cenário futurista concebido por Wells, em tudo semelhante ao de *When The Sleeper Wakes*, já existem instituições especializadas na



morte assistida, uma vez que Bindon acaba por acatar a recomendação médica e abrevia a sua vida recorrendo à “Euthanasia Company” (*idem*, 319).

As diferentes vertentes dos argumentos utilizados no debate sobre a morte assistida manifestam-se de forma clara em “A Story of the Days to Come”, onde as posições das personagens revelam conceções distintas, ainda que não necessariamente inconciliáveis, sobre a sociedade e sobre a gestão da vida. Embora Bindon sinta inicialmente revolta perante a ausência de opções terapêuticas, o seu recurso à eutanásia não decorre da motivação eugénica que molda a opinião do médico, mas da decisão de evitar o sofrimento físico e psicológico inerente à sua patologia. Neste contexto, a morte assistida aproxima-se dos argumentos humanistas presentes na proposta de Samuel D. Williams, que defendem a eutanásia como meio de evitar o sofrimento desnecessário associado à doença e à morte.

Por outro lado, a visão do médico centra-se no progresso científico e civilizacional, defendendo que a evolução social só é possível quando cessam de existir os indivíduos considerados obstáculos ao desenvolvimento coletivo. Esta perspetiva abrange tanto aqueles que não contribuem para o bem comum devido aos seus vícios ou modo de vida leviano, como aqueles cujas crenças religiosas e motivações ideológicas contrariam a racionalidade científica e o ideal de progresso. Os conceitos de biopolítica e biopoder revelam-se particularmente pertinentes para analisar a sua perspetiva e a sua posição social: ao propor a eutanásia, o médico intervém diretamente num processo biológico — a continuidade da vida — e fá-lo não apenas em nome da saúde individual, mas sobretudo com base em motivações políticas e sociais, enquadradas nos discursos da eugenia e do darwinismo social.

Assim, na sociedade futurista imaginada por Wells, ainda que a eutanásia seja voluntária, funciona como um mecanismo de controlo social destinado a limitar a transmissão hereditária dos elementos considerados degenerados. O médico assume o papel de autoridade biopolítica, determinando a quem deve ser recomendada a eutanásia e quais vidas são consideradas dispensáveis ao progresso da sociedade. A frieza e a falta de empatia que demonstra perante a doença de Bindon reforçam a leitura de que, nesta obra, a medicina não tem como objetivo prioritário o bem-estar do indivíduo, mas, antes, a implementação de uma agenda política de aperfeiçoamento social.

No romance *When The Sleeper Wakes*, a eutanásia é retratada de forma coerente com algumas das interpretações elaboradas sobre o tema em “A Story of the Days to Come”. Depois de entrar num estado semelhante ao coma no final do século XIX, o protagonista, Graham, desperta duzentos e três anos mais tarde, numa sociedade londrina tecnologicamente avançada do século XXII. Durante este intervalo temporal, devido à especulação financeira e à convicção de que o protagonista não voltaria a recuperar a consciência, grande parte da riqueza global foi transferida para o seu nome. Ao despertar, Graham descobre não só ser o proprietário de uma fortuna inigualável, mas também ser venerado como uma figura messiânica por possuir poder sobre vastas áreas do mundo.

Após uma revolução levada a cabo em seu nome, organizada e liderada por Ostrog — um demagogo e principal antagonista do romance, que depõe o Conselho responsável pelo governo do Reino Unido, Graham apercebe-se de que, apesar dos avanços científicos, a nação enfrenta graves problemas sociais, resultantes, em grande medida, das profundas desigualdades entre as elites e as camadas mais desfavorecidas. Tal como na novela analisada anteriormente, a aristocracia e os membros de uma classe alta ociosa governam a sociedade de forma incompetente e ineficaz, dedicando o seu tempo, poder e atenção a questões frívolas e hedonistas. Em contraste, os mais desfavorecidos são retratados como uma população degenerada, física e intelectualmente, descrita como escravizada — obrigada a realizar trabalhos pesados para sobreviver e a viver em condições sub-humanas — e tendo perdido aptidões fundamentais, como a capacidade de se expressar corretamente na língua inglesa.

A primeira alusão à eutanásia no romance surge quando Helen Wotton — personagem fundamental para que Graham compreenda a dinâmica injusta e opressora da sociedade, bem como para despertar a sua empatia pelos mais marginalizados — descreve como as antigas instituições de caridade, como o *Salvation Army*, foram convertidas em entidades lucrativas que colhem os benefícios da exploração vitalícia e impiedosa dos indivíduos que não conseguem ser autossuficientes.¹⁴ Ao referir-se a esta camada da população, Wotton confirma as condições desumanas em que vivem os desfavorecidos, que não têm meios alternativos de subsistência e, por outro lado, não dispõem da riqueza necessária para aceder ao “luxo” da eutanásia: “And any man, woman or child who comes to be hungry and weary and with neither home nor friend nor resort, must go to the Company in the end — or seek some way of death. The Euthanasia is beyond their means



— for the poor there is no easy death” (Wells 2003, 164). Segundo Wotton, mais de um terço da população vive nestas condições e a *Labour Company*, que transformou as *workhouses* do século XIX em instituições ainda mais precárias, aplica uma lógica biopolítica para subjugar os indivíduos e tirar partido da sua miséria, regulando, por exemplo, o fornecimento de comida e as horas mínimas de descanso necessárias à manutenção da vida. Sem condições para recorrer à eutanásia, “the rich man’s refuge from life” (*idem*, 166), a população mais pobre resigna-se a uma deterioração lenta e contínua.

Por sua vez, ao explorar Londres por conta própria, Graham entra em contacto com o que resta da antiga classe média — trabalhadora, mas empobrecida, que também já revela sinais de degeneração física, moral e intelectual, ainda que de forma mais atenuada. Se a camada mais desfavorecida da população não tem acesso ao entretenimento, estando limitada ao trabalho e sonhando com a possibilidade de um dia frequentar as *Pleasure Cities*, a classe média autossuficiente consome-se nestes espaços de ambiguidade moral como forma de se evadir da vida quotidiana. Neste contexto, as *Pleasure Cities* funcionam como o entretenimento descrito por Guy Debord em *La Société du Spectacle*: mecanismos concebidos pelas elites oligárquicas para iludir e alienar as massas por meio do lazer e do vício, contribuindo para a degradação moral e social e, em simultâneo, para conter o descontentamento e a revolta popular. Assim, Wells retrata criticamente como os indivíduos são anulados pelas elites, consumindo os seus recursos nas *Pleasure Cities* e acabando por solicitar a eutanásia como forma de terminar a vida sem sofrimento: “The easy death. It is the last pleasure. The Euthanasy Company does it well. People will pay the sum — it is a costly thing — long beforehand, go off to some pleasure city and return impoverished and weary, very weary” (*idem*, 188).

Ainda neste paradigma, durante a deambulação de Graham pela cidade, o protagonista é também confrontado com a situação dos idosos, uma inquietação recorrente nos períodos vitoriano e eduardiano, agravada pelo aumento da longevidade e pela sobrecarga das *workhouses*, onde muitos dependiam do sustento estatal. As vidas dos mais velhos são descritas como “not so pleasant as they used to be, unless they are rich to hire lovers and helpers” (*ibidem*), o que evidencia o abandono e a completa desresponsabilização por parte da estrutura governativa. A solução que é apresentada a Graham para os que atingem uma idade avançada, já não são produtivos e possuem algum capital, ainda que insuficiente para garantir ajuda e prazer, volta a ser a morte assistida.



Deste modo, ao longo do romance, a eutanásia é apresentada sobretudo como um instrumento de controlo social e populacional, em vez de cumprir uma função humanista. Embora o parecer de Helen Wotton sugira implicitamente que recorrer à morte assistida seria uma opção mais digna e humana do que sobreviver nas condições de quase-escravatura impostas à classe baixa, o acesso efetivo à eutanásia permanece inalcançável para a maioria. Esta inacessibilidade contribui para evidenciar as tensões entre classes e a profunda disparidade entre os ricos e os pobres. O acesso à morte assistida é comercializado, assegurando que os trabalhos pesados — igualmente indispensáveis para o progresso social — continuem a ser desempenhados pelos que são explorados e que nunca terão meios de aceder à eutanásia. Em simultâneo, quando os membros da classe média começam a manifestar sinais de degeneração moral e física, seja por se entregarem ao ócio e aos vícios das *Pleasure Cities*, seja por envelhecerem e deixarem de desempenhar um papel ativo e útil na sociedade, a eutanásia voluntária volta a ser apontada como a forma privilegiada de morrer sem sofrimento. Neste contexto, tal como em “A Story of the Days to Come”, a prioridade da morte assistida não é contribuir para o bem-estar dos indivíduos em particular, mas preservar um *status quo* que acentua o isolamento e a desigualdade sociais.

A eutanásia cumpre uma última função no romance, ligada aos planos de Ostrog para reconfigurar a aristocracia e as elites. Ainda que detenha uma autoridade distinta da do médico que recomenda a eutanásia a Bindon em “A Story of the Days to Come”, o antagonista também ambiciona concretizar a sua própria utopia e reestruturar a sociedade. Após tomar o poder e apresentar a Graham os membros da elite — vazios de ideias e indiferentes ao sofrimento da população —, Ostrog revela-se um déspota, traidor da revolução que liderou, sem qualquer intenção real de instaurar um sistema democrático ou que beneficie as massas. Pelo contrário, o novo governante pretende instituir um regime totalitário, sustentado por uma nova aristocracia e fundado no princípio da “prevalence of the best — the suffering and extinction of the unfit, and so to better things” (Wells 2003, 171).

Ostrog expõe a Graham a sua visão do futuro da sociedade e, ao descrever a elite anterior ao seu golpe de Estado, que o protagonista acabara de conhecer, antecipa o seu desaparecimento: “Vice and pleasure! They have no children. That sort of stuff will die out. If the world keeps to one road, that is, if there is no turning back. An easy road to excess,



convenient Euthanasia for the pleasure seekers singed in the flame, that is the way to improve the race!” (*idem*, 171). Deste modo, tal como o médico da novela, Ostrog fundamenta-se no darwinismo social e nas teorias eugénicas para justificar o caminho rumo à sua sociedade ideal, reconhecendo a necessidade de eliminar os elementos considerados indesejáveis e mais fracos em nome do progresso da espécie. No entanto, se no discurso do médico a instrumentalização da eutanásia para alcançar os fins que julga superiores permanece implícita, no caso de Ostrog, é explícita a intenção de recorrer à morte assistida, conveniente, para concretizar as suas ambições políticas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a novela “A Story of the Days to Come” como o romance *When The Sleeper Wakes* recorrem ao conceito moderno de eutanásia e permitem refletir criticamente sobre os argumentos e receios que marcaram o debate vitoriano em torno do tema, destacando a sua relação com a eugenia e o darwinismo social, bem como com as inquietações emergentes no final do século XIX e início do século XX, como a sobrepopulação e a degeneração moral e biológica da espécie.

As visões de Ostrog e do médico da novela evidenciam a obsessão vitoriana pelo progresso e assumem contornos particularmente extremos ao defenderem a eliminação dos indivíduos considerados fracos, degenerados ou inúteis como condição para transformar a sociedade e alcançar as suas utopias. A eutanásia é apresentada como um privilégio reservado aos mais ricos e como um mecanismo de “higienização” social aplicado tanto às elites em decadência como à classe média empobrecida, que já não contribui para a prosperidade coletiva. Por outro lado, os mais pobres são privados do acesso à eutanásia, obrigados a manter trabalhos duros e a sobreviver em condições sub-humanas, em benefício da estabilidade social e da produtividade.

Em “A Story of the Days to Come”, não é completamente explícito quem tem acesso à eutanásia ou não, uma vez que a única personagem confrontada com a possibilidade de morte assistida pertence a um meio favorecido. A perspetiva do médico — agente de controlo social por meio da biopolítica — sugere a eutanásia voluntária como forma de mitigar a degeneração e de implementar os princípios eugénicos que, na sua visão, favoreceriam o desenvolvimento civilizacional. Por outro lado, em *When the Sleeper Wakes*, a tensão entre classes é mais evidente e o acesso à morte assistida é um dos

marcadores sociais que delimitam a fronteira entre privilegiados e marginalizados. No romance, a discrepância entre as condições de vida acentua o isolamento e a alienação das várias classes: os mais desprivilegiados limitam-se a sobreviver e podem apenas sonhar com a vida dos mais favorecidos, a classe média entrega-se ao entretenimento abdicando de participar ativa e politicamente na sociedade e as elites permanecem indiferentes ao sofrimento generalizado. Deste modo, todas as classes sociais aparentam revelar sinais de degeneração, seja a nível moral, seja a nível biológico. A eutanásia funciona, em simultâneo, como instrumento de manutenção do *status quo* — ao permitir o manter deste isolamento e da discrepância entre classes — e de transformação social, já que tanto o médico da novela como Ostrog pretendem usar o biopoder para alcançar o que consideram ser o progresso social.

Sobretudo no romance, a narrativa é marcada por um pessimismo que molda o papel político da morte assistida e recupera algumas das objeções levantadas à proposta pioneira de Samuel D. Williams: a possibilidade de abuso, a desvalorização da vida humana e a instrumentalização oportunista da prática em nome de interesses ideológicos. Ainda assim, importa sublinhar que H. G. Wells apoiou declaradamente a legalização da eutanásia voluntária e se tornou membro de sociedades criadas com esse objetivo, nomeadamente a Voluntary Euthanasia Legalisation Society, fundada em 1935 no Reino Unido, e a sua equivalente norte-americana, a Euthanasia Society of America, criada em 1938.

NOTAS FINAIS

¹ O presente artigo insere-se num estudo mais amplo, ainda em desenvolvimento, sobre o papel da eutanásia na ficção, no âmbito do projeto de Doutoramento do autor, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

² Os termos “biopolítica” e “biopoder” são utilizados recorrentemente na obra de Michel Foucault e vão sendo progressivamente definidos pelo autor ao longo da década de 1970. Para Foucault, estes conceitos descrevem os mecanismos através dos quais o poder moderno passa a gerir a vida das populações, articulando processos biológicos, como natalidade, mortalidade, higiene, longevidade e reprodução, com medidas políticas e económicas próprias do liberalismo. A relação entre o corpo e a política é enfatizada, já que o primeiro é socializado e passa a ser, em simultâneo, alvo e meio de controlo por parte das autoridades. Neste sentido, são institucionalizadas e desenvolvidas técnicas para gerir

recursos e regular processos biológicos. Assim, a biopolítica remete para a exploração exercida pelas autoridades ao nível existencial, corporal e da vida biológica. A reflexão do autor sobre o biopoder surge inicialmente no primeiro volume de *Histoire de la sexualité* enquanto a noção de biopolítica é desenvolvida posteriormente ao longo dos cursos que lecionou entre 1978 e 1979 no Collège de France. As suas aulas seriam compiladas e publicadas em *Sécurité, territoire, population* e *Naissance de la biopolitique*.

³ Segundo o verbete de eutanásia enquanto conceito no *Dictionary of Global Bioethics*: “The word “euthanasia” derives etymologically from the Greek *eu* (good) and *thanatos* (death) and thus literally means “good death”. Euthanasia refers to the act of putting someone to a “good death” in the absence of any legal sanctions to do so to end a state of suffering considered by the patient as worse than death. This is the reason it is also called mercy killing” (Neves e Ten Have 2011, 491).

⁴ Importante salientar que a interpretação de Bacon não é consensual. O verbete sobre a História da eutanásia no *Dictionary of Global Bioethics*, por exemplo, contempla o seguinte: “Francis Bacon is commonly credited as the first to refer to euthanasia as a “good death” physicians could give patients for whom medicine could no longer offer any more assistance. It is widely believed that physicians have since then secretly practiced euthanasia as mercy killing to relieve patients from the suffering that physicians could not otherwise alleviate” (Neves e Ten Have 2011, 495).

⁵ Com efeito, os progressos na medicina ao longo do século XIX foram essenciais para os procedimentos cirúrgicos e para a mudança de certas práticas. O uso do clorofórmio como anestésico, por exemplo, passou a ser comum para aliviar as dores do parto. A sintetização da morfina a partir do ópio, em 1816, a proposta de John C. Warren, em 1848, para a utilização do éter no sentido de aliviar a agonia da morte, e a invenção da seringa hipodérmica, em 1853, constituem outras invenções e descobertas pertinentes de assinalar (Emanuel 1994, 794-795).

⁶ Apesar de se debruçar sobre a temática da morte assistida e de a relacionar com a medicina, sugerindo mudanças na atuação dos profissionais da área, Samuel D. Williams não era médico nem tinha qualquer ligação ao campo da saúde. Do mesmo modo, nenhum dos restantes intervenientes no debate tinha habilitações médicas.

⁷ Para um estudo do impacto do debate sobre a eutanásia nos Estados Unidos da América, remete-se à obra de Ian Dowbiggin: *A Merciful End: The Euthanasia Movement in Modern America* (2003).

⁸ Veja-se, a título de exemplo, a seguinte passagem do artigo de Lionel Tollemache: “And, in a somewhat similar spirit, modern science informs us that in an overcrowded population there is a sharp struggle for existence; so that an unhealthy, unhappy and useless man is in a manner hustling out of being, or at least out of the means of enjoyment, some one who would probably be happier, healthier, and more useful than himself” (Tollemache 1873, 227).

⁹ A *New Poor Law*, também conhecida como a *Poor Law Amendment Act*, foi aprovada pelo Parlamento britânico em 1834 e visava reformular a assistência às camadas empobrecidas da população. A nova lei privilegiava a assistência centralizada, uniformizada

e predominantemente institucional, em detrimento do modelo anterior de apoios comunitários locais. Com esta legislação, as condições de vida nas *workhouses* tornaram-se mais precárias, desencorajando os indivíduos mais pobres de recorrer a assistência pública.

¹⁰ Para uma introdução mais abrangente à ficção especulativa e às possibilidades abertas por este registo para comentar a sociedade e a política, através de projeções no futuro ou em universos alternativos, veja-se *Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre* (1977), de Darko Suvin, e *A Short History of Fantasy* (2009), de Farah Mendlesohn e Peter Nicholls. Veja-se também os estudos sobre utopia compilados no volume 14, número 1, da *VIA PANORAMICA: Revista de Estudos Anglo-Americanos*.

¹¹ No seu artigo “Euthanasia and (D)evolution in Speculative Fiction” (2017), Nancee Reeves desenvolve um estudo sobre várias obras dos períodos vitoriano e eduardiano que foram influenciadas pelo debate sobre a eutanásia. Ainda que se foque principalmente em *The Fixed Period* (1882), de Anthony Trollope, Reeves destaca também a perspetiva de H. G. Wells e de outros autores da época.

¹² Note-se que para o debate sobre a eutanásia ter sido tão amplamente discutido, foi necessário que o fervor do revivalismo evangélico do século XVIII desvanecesse no Reino Unido. Só deste modo poderiam surgir mudanças e uma nova forma de contemplar a morte como a eutanásia. Para um estudo mais aprofundado das perspetivas sobre a morte na Era Vitoriana, remetemos para a obra *Death in the Victorian Family* (1996), de Patricia Jalland.

¹³ Para melhor compreender o papel da literatura em H. G. Wells, veja-se o ensaio “The Contemporary Novel”, publicado originalmente pelo autor no *The Fortnightly Review* em 1910.

¹⁴ A perspetiva de que as instituições de caridade são negativas para a manutenção da sociedade e que agravam os confrontos entre classes e outras questões que inquietavam a sociedade vitoriana, como a sobrepopulação, faz parte da retórica de Thomas Malthus, estando também presente no debate sobre a eutanásia voluntária. Neste sentido, importa salientar que é outro dos temas recorrentes nas obras de ficção especulativa da época.

OBRAS CITADAS

Aquinas, Thomas (1991). *Summa Theologiae: A Concise Translation*. Trans. Timothy McDermott. Nova Iorque: Christian Classics. <https://archive.org/details/summatheologiaec0000thom/page/n5/mode/2up>.

Bacon, Francis (2011). *The Works of Francis Bacon: Philosophical Works*. Vol. 3. Nova Iorque: Cambridge University Press.

Benson, Robert Hugh (2012). *Lord of the World*. Kindle: Public Domain Book. https://www.amazon.com/Lord-World-Robert-Hugh-Benson-ebook/dp/B00846TDR8/ref=sr_1_1?crd=15AFUVJUKTT5Y&keywords=benson+lord+of+the+world&qid=1697850714&s=movies-tv&sprefix=benson+Lord+%2Cmovies-tv-intl-ship%2C314&sr=1-1.



-
- Debord, Guy (1996). *La Société Du Spectacle*. GALLIMARD.
- Dowbiggin, Ian (2003). *A Merciful End: The Euthanasia Movement in Modern America*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Emanuel, Ezekiel J. (1994). "The History of Euthanasia Debates in the United States and Britain". *Ann Intern Med* 15 11 1994.
- Forster, E. M. (2001). "The Machine Stops." Foster, E. M. *Selected Stories*. Nova Iorque: Penguin Books, pp. 91-123.
- Foucault, Michel (1976). *Histoire de la Sexualité I: La Volonté de Savoir*. Paris: Gallimard.
- (2004). *La Naissance De La Biopolitique. Cours Au College De France (1978-1979)*. SEUIL.
- (2004). *Sécurité, territoire, population*. SEUIL.
- Jalland, Patricia (1996). *Death in the Victorian Family*. Oxford: Oxford University Press.
- Kemp, N.D.A (2002). *'Merciful Release': The History of the British Euthanasia Movement*. Manchester: Manchester University Press.
- Marques, António Lourenço (2018). "A "Boa Morte" de Bacon." *Philosophica: Filosofia e Medicina sobre a dor e o sofrimento* (2018): pp. 115-126. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/40726/1/52_Antonio_Louren%c3%a7o_Marques_115_126.pdf.
- Mendlesohn, Farah and Edward James (2009). *A Short History of Fantasy*. London: Middlesex University Press.
- More, Thomas (2003). *Utopia*. Ed. George M. Logan and Robert M. Adams. Cambridge: Cambridge University Press.
- Neves, Maria do Céu Patrão and Henk Ten Have (2021). *Euthanasia, History*. Cham: Springer.
- Reeves, Nancee (2017). "Euthanasia and (D)evolution in Speculative Fiction". Cambridge: Cambridge University Press. DOI:10.1017/S1060150316000450.
- VIA PANORAMICA: *Revista de Estudos Anglo-Americanos / A Journal of Anglo-American Studies*, vol. 14, no. 1, 2025, <https://ojs.letras.up.pt/index.php/VP>
- Suvin, Darko (1979). *Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre*. New Haven: Yale University Press.
- Tollemache, Lionel (1873). "The New Cure for Incurables." *The Fortnightly Review* (1873): 218 - 230. https://books.google.pt/books?id=t_ZUAAAACAAJ&pg=PP10&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false.
- Trollope, Anthony (2012). *The Fixed Period*. Kindle: Public Domain Book. https://www.amazon.com/Fixed-Period-Anthony-Trollope-ebook/dp/B0082VFGTO/ref=sr_1_1?crd=101CX2WUZTA4Z&keywords=The+fixed+period&qid=1697849945&s=movies-tv&sprefix=the+fixed+period%2Cmovies-tv-intl-ship%2C336&sr=1-1#detailBullets_feature_div.
- Wells, H. G. (1899). "A Story of the Days to Come." Wells, H. G. *Tales of Space and Time*. Harper & Brothers Publishers, pp. 365 -124. <https://archive.org/details/talesofspaceandt00welluoft/page/n9/mode/2up>.
- (1912). "The Contemporary Novel ." *The Atlantic Monthly* (1912): pp. 1-11. <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1912/01/the-contemporary-novel/644158/>.
- (2003). *When The Sleeper Wakes*. Nova Iorque: Modern Library Inc.
- Williams, Samuel D. (1870). "Euthanasia." *Essays by Members of the Birmingham Speculative Club*. Londres: Williams and Norgate, pp. 210 - 237.



https://books.google.pt/books?id=yPhHkgAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

MIGUEL OLIVEIRA

é aluno de Doutoramento de Literaturas e Culturas Modernas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O seu campo de estudos envolve a interligação entre as Ciências, a Literatura e as Humanidades, em particular as Humanidades Médicas, aprofundando as questões filosóficas, éticas e deontológicas intrínsecas a esta área. É membro do Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS).
Ciência ID: 491F-703A-866D | ORCID iD: 0000-0003-1446-4052

HOW TO CITE

Oliveira, Miguel (2025). “A ‘Convenient Euthanasia’: O papel da eutanásia na obra de H. G. Wells”. *VIA PANORAMICA: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, vol. 14, n.º 2, 2025, pp. 161-185. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>. DOI: https://doi.org/10.21747/2182-9934/via14_2v1